



Rentabilidade, liquidez e endividamento dos clubes catarinenses: uma análise econômico-financeira das agremiações de futebol do estado

RESUMO

O futebol se transformou numa grande indústria do entretenimento e com isso os clubes profissionais passaram a obter mais receitas na sua atividade. Hoje os clubes brasileiros movimentam milhões de reais e com isso devem prestar informações contábeis aos seus usuários, sejam eles internos ou externos. Este artigo busca, a partir da utilização de índices contábeis, analisar a situação econômico-financeira dos clubes de futebol de Santa Catarina entre os anos de 2012 a 2016. Esta análise visa avaliar a rentabilidade, a capacidade de pagamento das obrigações no curto e longo prazo e, também, a estrutura de capital destas entidades, observando assim o tamanho e a distribuição das suas dívidas. A justificativa para esta pesquisa vem da ascensão dos clubes do estado no cenário futebolístico nacional nos últimos anos. Para a realização do estudo, foram selecionadas as demonstrações contábeis dos oito principais clubes do estado em 2016 - Avaí, Brusque, Chapecoense, Criciúma, Figueirense, Inter de Lages, Joinville e Metropolitano - e escolhidos sete indicadores econômico-financeiros para analisá-las: Rentabilidade do Ativo, Rentabilidade do Patrimônio Líquido, Liquidez Corrente, Liquidez Geral, Grau de Endividamento Global, Participação do Capital de Terceiros e Composição do Endividamento. Os resultados apontam que a maioria dos clubes possuem dificuldades de terem superávit no resultado do exercício, apresentam um alto risco de liquidez e possuem um alto endividamento em relação ao seu Ativo. Ao fim do ano de 2016, apenas Chapecoense e Criciúma apresentaram Patrimônio Líquido com saldo positivo. Todos os demais clubes encerraram o último ano analisado com Passivo a descoberto.

Palavras-chave: Análise de demonstrações contábeis; Clubes de futebol; Índices econômico-financeiros.

Linha Temática: Finanças e Contabilidade Financeira



1 INTRODUÇÃO

Para Foer (2005), o futebol é muito mais que um esporte, com os clubes de futebol espelhando classes sociais e ideologias políticas, inspirando frequentemente uma devoção mais intensa que as religiões. Segundo Dantas e Boente (2011), com a consolidação do capitalismo como sistema econômico hegemônico e a evolução da mídia, o futebol se transformou em uma grande indústria de entretenimento, conseguindo os clubes desta maneira aumentar suas fontes de receitas, que anteriormente se limitava aos ingressos comprados pelos torcedores.

Diante deste cenário, os clubes profissionais se tornaram importantes entidades na economia brasileira. Bem diferente de quando começaram a surgir, no fim do século XIX, onde a missão era apenas recreativa, nos dias atuais os clubes movimentam muito dinheiro e com isso, assim como qualquer empresa, devem prestar obrigações ao fisco, aos seus conselheiros, aos seus clientes (neste caso, seus torcedores) e a todos os demais usuários, sejam eles internos ou externos.

A partir desse dever de prestar contas, a Lei n.º 9.615, de 24 de março de 1998, a popular Lei Pelé, obrigou os clubes a elaborar as demonstrações contábeis e divulgá-las. Com essa obrigação, o papel do gestor de um clube de futebol passou a ser muito mais visado, pois por meio das demonstrações contábeis, a torcida e a opinião pública possuem mecanismos para avaliar se, por exemplo, os recursos ingressados na entidade estão sendo bem administrados.

Visando crescer de patamar e disputar títulos, os clubes costumam contrair dívidas ao realizar investimentos na atividade esportiva, e como o futebol é um esporte imprevisível, nem sempre o retorno em arrecadação acaba sendo o esperado, o que pode comprometer a situação econômico-financeira da entidade. Por serem entidades com um grande interesse social no seu funcionamento, pode-se criar uma falsa ilusão de que um clube de futebol jamais encerrará suas atividades. Porém, no próprio Estado de Santa Catarina, o Blumenau Esporte Clube (BEC) mostrou que uma grave crise financeira pode decretar a falência de um clube. O BEC, que chegou a ser vice-campeão estadual em 1988, teve seu patrimônio penhorado em 1998 por uma ação jurídica do INSS e teve que finalizar suas atividades.

Portanto, é importante analisar as contas dos clubes para avaliar sua situação econômico-financeira e, para isso, utilizam-se os indicadores de rentabilidade, liquidez e endividamento. De acordo com Platt Neto (2016), os índices de rentabilidade são focados na geração de resultados dos ativos investidos da empresa e dos capitais investidos pelos proprietários da empresa. Por sua vez, os índices de liquidez medem a solidez da base financeira, confrontando os ativos com as dívidas existentes, enquanto os índices de endividamento medem o nível das dívidas das empresas, observando sua estrutura de capital, dependência de capital de terceiros e o prazo das dívidas.

O Estado de Santa Catarina vem desde o início do século aumentando sua relevância no cenário futebolístico brasileiro, tendo desde 2002 pelo menos um representante na elite do futebol nacional. Com o crescimento dos clubes locais, que em 2015, com quatro equipes, representaram 20% dos clubes participantes da Série A do Campeonato Brasileiro, as gestões destes clubes ganharam um papel importante para a manutenção de tal ascensão. Portanto, este artigo tem como justificativa um interesse nacional em saber qual o segredo do sucesso



dos catarinenses em campo, e apurar a situação financeira dos clubes pode contribuir na compreensão dessa questão.

O presente estudo busca, assim, responder a seguinte questão de pesquisa: quais os níveis de rentabilidade, liquidez e endividamento dos clubes de futebol do Estado de Santa Catarina entre os anos de 2012 a 2016?

O objetivo geral da pesquisa é analisar a situação econômica e financeira em que se encontram as agremiações catarinenses nos últimos anos, verificando se os clubes estão tendo rentabilidade no seu funcionamento, se apresentam riscos na capacidade de liquidar seus passivos, além de conhecer a estrutura de capital das equipes.

Foram selecionados para a análise os oito clubes catarinenses participantes das quatro divisões do Campeonato Brasileiro no ano de 2016 e 2017. Os dados utilizados para a apuração dos índices foram localizados nas demonstrações contábeis divulgadas pelos clubes entre os anos de 2012 a 2016.

O artigo está estruturado em cinco partes. A introdução apresentou o contexto do assunto pesquisado e os objetivos da pesquisa. A seguir, o referencial teórico apresenta o embasamento teórico e a revisão bibliográfica do tema. A terceira parte trata da metodologia utilizada no estudo. Por fim, as quarta e quinta partes trazem, respectivamente, a análise dos dados obtidos e as considerações finais da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico do presente estudo divide-se em cinco tópicos. O primeiro destaca os conceitos e a importância da análise das demonstrações contábeis, os três seguintes abordam a fundamentação teórica sobre os índices de rentabilidade, liquidez e endividamento, e, por fim, o quinto tópico apresenta estudos anteriores realizados sobre o tema do estudo.

2.1 Análise das demonstrações contábeis

Ao realizar a análise das demonstrações contábeis, está-se utilizando uma técnica e, conforme defende Iudícibus (2010), uma arte, já que por meio dos demonstrativos contábeis consegue-se levantar informações úteis para apoio à decisão.

“A Análise de balanços é o estudo da situação de uma parte, de um sistema de partes ou do todo patrimonial de uma empresa ou de uma instituição sem fins lucrativos, mediante a decomposição de elementos e levantamentos de dados contábeis” (Sá, 2008, p. 14). A análise de balanços é importante por ser a única maneira de se evidenciar a situação econômico-financeira da empresa (Savytzky, 2009).

Conforme Savytzky (2009, p.33), “não existe um método padrão de análise”, devendo ela “ser executada com base em índices realmente necessários à finalidade, evitando-se os supérfluos”. Marion (2009) divide a análise de índices em três etapas: o simples cálculo do índice com base numa fórmula, a interpretação do quociente apurado e, por fim, como etapa mais importante, a conceituação do índice calculado, onde se analisa se ele é bom, razoável, ruim etc.

2.2 Índices de rentabilidade



Segundo Marion (2009), os indicadores econômicos são voltados para a rentabilidade da empresa, apurando seu potencial de vendas e habilidade de gerar lucros, por exemplo. O autor destaca que uma empresa pode apresentar um lucro muito maior que outra, porém, isto não refletirá qual das duas apresentou maior retorno, tendo assim importância o cálculo da taxa de lucro.

A Rentabilidade do Ativo, também conhecida como *Return on Investment* (ROI), relaciona os lucros ou prejuízos gerados no exercício e os ativos totais disponíveis na empresa, representando assim o poder de ganho da empresa, já que o "ativo" representa o "investimento" da empresa para obter receitas (Platt Neto, 2016). Para o cálculo do índice, divide-se o Resultado Líquido do Exercício pelo Total do Ativo.

A Rentabilidade do Patrimônio Líquido, ou o *Return on Equity* (ROE), representa o poder de ganho dos proprietários, de acordo com Marion (2009), relacionando-se o resultado líquido do exercício com o capital investido pelo empresário. O cálculo do índice é realizado através da divisão entre o Resultado Líquido do Exercício e o Patrimônio Líquido.

2.3 Índices de liquidez

Os índices de liquidez, segundo Assaf Neto (2010), servem para evidenciar a situação financeira de uma empresa diante de seus compromissos. Conforme Sá (2008, p. 108), o quociente de liquidez “indica quantas unidades monetárias ou frações destas existe para liquidar cada unidade de dívida”. Os índices de liquidez são divididos em: Liquidez Corrente, Liquidez Seca, Liquidez Geral e Liquidez Imediata.

A Liquidez Corrente mostra a capacidade de pagamento da empresa a Curto Prazo e seu índice é calculado dividindo o valor do Ativo Circulante pelo Passivo Circulante (Assaf Neto, 2010). Este índice, porém, merece atenção em alguns aspectos, pois não revela a qualidade dos itens do Ativo Circulante, a sincronização entre recebimentos e pagamentos e avaliação correta do Estoque (Marion, 2009).

A Liquidez Seca, por sua vez, também se trata de um índice que considera o Curto Prazo para sua apuração, diferenciando-se da Liquidez Corrente apenas por excluir o Estoque da fórmula de cálculo. Para Marion (2009), tal índice é bastante conservador e agrada os banqueiros, pois se elimina o item mais manipulável do balanço: o Estoque.

Na Liquidez Geral, a comparação é feita dividindo o montante do Ativo Circulante e Ativo Realizável a Longo Prazo pela soma do Passivo Circulante e Passivo Não Circulante (Savytzky, 2009). Este índice, de acordo com Assaf Neto (2010, p. 164), é utilizado “como uma medida de segurança financeira da empresa a longo prazo, revelando sua capacidade de saldar todos seus compromissos”.

Como índice de capacidade de pagamento em prazo imediato, tem-se a Liquidez Imediata, que mostra o quanto a empresa dispõe imediatamente para saldar as dívidas de Curto Prazo, tendo como fórmula a divisão das Disponibilidades pelo Passivo Circulante. Segundo Assaf Neto (2010), este quociente costuma ser baixo pelo pouco interesse das empresas em manter recursos monetários em caixa, devido a sua reduzida rentabilidade.

2.4 Índices de endividamento



“As empresas servem-se de capital alheio, em menor ou maior escala, para completar as suas necessidades de capital de giro ou para imobilização” (Savytzky, 2009, p. 85). Para Marion (2009), é por meio dos índices de endividamento que se aprecia o nível de endividamento da empresa e se ela se utiliza mais de recursos de terceiros ou de recursos dos proprietários.

O Grau de Endividamento Global, também chamado de Participação de Capitais de Terceiros sobre Recursos Totais, permite conhecer a estrutura de capital da empresa, verificando o quanto dos ativos da empresa são financiados por dívidas. O cálculo consiste na divisão do Passivo Circulante e Não Circulante pelo total do Ativo (Platt Neto, 2016).

A Participação de Capitais de Terceiros também é um indicador de estrutura de capital, indicando o quanto a empresa é financiada por capital de terceiros em relação aos capitais próprios (Matarazzo, 2003). Neste indicador, divide-se Passivo Circulante e Não Circulante pelo Patrimônio Líquido.

Por fim, a Composição de Endividamento verifica a qualidade da dívida, dividindo o Passivo Circulante pelo Exigível Total (Marion, 2009). Desta forma, tem-se o percentual de obrigações de curto prazo em relação às obrigações totais (Matarazzo, 2003).

2.4 Estudos anteriores

Em relação a estudos anteriores sobre o tema abordado nesta pesquisa, destaca-se o estudo de Santos e Silva (2015), que numa amostra nacional, abordou onze índices de liquidez, endividamento e imobilização de nove clubes brasileiros. Os integrantes da amostra foram escolhidos levando em consideração a participação dos mesmos na primeira divisão do Campeonato Brasileiro e foram levantados dados do período entre 2008 e 2013. Os autores apontaram, após os resultados, que os times da amostra apresentavam Liquidez Corrente razoável, isto porque grande parte das dívidas dos clubes estavam concentradas em longo prazo. Quanto ao endividamento, o estudo apontou que naquele momento Flamengo e Fluminense, que possuíam Patrimônio Líquido Descoberto, eram os clubes mais endividados, enquanto o São Paulo apresentava o menor endividamento total.

Também analisando a situação econômico-financeira de nove dos principais clubes brasileiros, Pacheco, Pegorini, Zelbrasikowoki e Panosso (2016) identificaram, na maioria dos clubes, resultados deficitários e forte dependência do capital de terceiros. A análise levou em conta os anos 2012, 2013 e 2014. Em 2014, verificou-se que o único clube com liquidez geral acima de 1,00 era o Corinthians, com a maioria dos demais clubes tendo índices abaixo 0,20.

A pesquisa de Barros e Martins (2010) teve como objetivo avaliar e comparar a estrutura financeira, liquidez e rentabilidade de treze clubes brasileiros da primeira divisão entre os anos de 2006 a 2008. Os resultados apontaram um desequilíbrio financeiro na maioria dos clubes, principalmente em relação aos indicadores de rentabilidade e liquidez.

O estudo de Avelar, Santos e Ribeiro (2014) visou analisar o desempenho econômico-financeiro e a eficiência dos principais clubes brasileiros entre os anos de 2010 e 2011. Ao analisar índices de liquidez, rentabilidade, lucratividade, endividamento e atividades, os autores verificaram resultados deficitários, baixa liquidez e alto nível de endividamento (especialmente no longo prazo).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



Esta pesquisa teve caráter descritivo quanto aos seus objetivos, se classifica como documental para os procedimentos e tem abordagem quantitativa e qualitativa.

De acordo com Triviños (1987), uma pesquisa descritiva exige do pesquisador uma série de informações a serem pesquisadas, pretendendo descrever fatos e fenômenos de determinada realidade.

Conforme Fonseca (2002), a pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, relatórios, documentos oficiais, etc.

A abordagem do estudo é quantitativa quando, segundo Fonseca (2002), recorre à linguagem matemática para descrever as relações entre variáveis, e qualitativa, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), quando busca o aprofundamento da compreensão das organizações, sendo capaz de produzir novas informações.

A pesquisa tem como base as demonstrações contábeis dos seguintes clubes de Santa Catarina: Avaí Futebol Clube, Brusque Futebol Clube, Associação Chapecoense de Futebol, Criciúma Esporte Clube, Figueirense Futebol Clube, Esporte Clube Internacional, Joinville Esporte Clube e Clube Atlético Metropolitano. A escolha destes oito clubes se deve a participação dos mesmos em competições nacionais da Confederação Brasileira de Futebol em 2016 e 2017.

Os dados do estudo foram coletados por meio do site da Federação Catarinense de Futebol, que disponibiliza as demonstrações contábeis de seus clubes filiados desde 2012. No entanto, as demonstrações do Brusque, em 2012, da Chapecoense, em 2012 e 2013, e do Inter de Lages, em 2012, 2013 e 2016, não foram localizadas no site da entidade e nem nos sites oficiais dos clubes. Os clubes também não responderam e-mails enviados solicitando os demonstrativos. Com isso, os índices dos clubes nestes anos não puderam ser calculados.

Após a coleta de dados, calculou-se os seguintes índices de rentabilidade, liquidez e endividamento: Rentabilidade do Ativo, Rentabilidade do Patrimônio Líquido, Liquidez Corrente, Liquidez Geral, Grau de Endividamento Global, Participação de Capitais de Terceiros e Composição do Endividamento. Nos índices de rentabilidade, foram utilizados para o cálculo o Resultado Líquido dos exercícios, além do Ativo Total e Patrimônio Líquido ao fim dos exercícios. Nos índices de liquidez, foram excluídas da análise a Liquidez Seca, em virtude da pouca presença de estoque nos clubes, e a Liquidez Imediata, índice considerado irrelevante pelos autores.

A partir da apuração dos índices, tem-se a avaliação da rentabilidade, liquidez e endividamento das agremiações e a análise conjunta destes índices.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Na sequência são apresentados os índices apurados a partir dos dados contábeis fornecidos pelos clubes, a avaliação dos indicadores e sua evolução ao longo dos anos analisados.

4.1 Índices de Rentabilidade



Florianópolis, 10 a 12 de Setembro de 2017

A análise econômica dos clubes participantes da pesquisa foi realizada por meio dos índices de rentabilidade do Ativo e do Patrimônio Líquido. Na sequência, a tabela 01 apresenta os índices de rentabilidade do Ativo calculados.

Tabela 01 – Índices da Rentabilidade do Ativo

Clube	2012	2013	2014	2015	2016
Avaí	-11,97%	-16,33%	0,43%	-21,14%	-12,67%
Brusque		2,03%	0,44%	1,28%	-67,03%
Chapecoense			20,01%	33,91%	9,56%
Criciúma	-3,60%	10,18%	0,01%	-16,59%	0,06%
Figueirense	-22,75%	-49,70%	-22,41%	2,49%	5,92%
Inter de Lages			-10315,89%	4,35%	
Joinville	-47,76%	-15,58%	3,30%	-3,38%	-37,40%
Metropolitano	39,44%	-43,36%	-46,49%	-41,40%	7,90%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

De modo geral, os clubes catarinenses apresentaram, na maioria dos anos, índices negativos, em virtude dos déficits apresentados nas Demonstrações dos Resultados dos Exercícios. A exceção foi a Chapecoense, que nos três anos que demonstrou seu resultado, apresentou superávit, tendo a rentabilidade mais alta em 2014, 2015 e 2016 entre os clubes da pesquisa. Em 2016, o clube do oeste catarinense cresceu seu superávit em relação ao ano anterior, muito por conta das receitas advindas do bom desempenho do time na Copa Sul-Americana, mas como o aumento do Ativo Total foi proporcionalmente maior, o índice de rentabilidade teve redução.

O Metropolitano, que em 2012 apresentou uma rentabilidade de 39,44%, nos três anos seguintes teve déficit nos exercícios. O clube voltou a apresentar superávit em 2016. Essa volta do superávit pode ser explicada principalmente pela redução em mais de 50% das despesas com pessoal em relação a 2015.

O Figueirense apresentou consecutivos déficits nos três primeiros anos analisados, mas conseguiu se recuperar nos dois últimos anos. O Criciúma apresentou um equilíbrio entre receitas e despesas na maioria dos anos. Já o Avaí e o Joinville apresentaram superávits apenas em 2014, tendo déficits em todos os demais anos.

O Brusque, que havia tido um equilíbrio no resultado na maioria dos exercícios, chamou a atenção por finalizar 2016 com um déficit alto para os padrões do clube. Por fim, o Inter de Lages, depois de ter um índice negativo preocupante em 2014, conseguiu no ano seguinte se recuperar e fechar com superávit.

Após a análise da rentabilidade do Ativo, a tabela 02 apresenta os índices de rentabilidade do Patrimônio Líquido.

Tabela 02 – Índices da Rentabilidade do Patrimônio Líquido

Clube	2012	2013	2014	2015	2016
Avaí	-34,46%	-87,56%	11,57%	PL Negativo	PL Negativo
Brusque		59,16%	1,88%	13,24%	PL Negativo
Chapecoense			PL Negativo	96,29%	66,57%
Criciúma	-5,72%	14,70%	0,01%	-32,17%	0,11%



Florianópolis, 10 a 12 de Setembro de 2017

Figueirense	PL Negativo				
Inter de Lages			PL Negativo	PL Negativo	
Joinville	PL Negativo				
Metropolitano	PL Negativo				

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

A análise dos índices de rentabilidade do Patrimônio Líquido dos clubes catarinenses foi prejudicada pela ocorrência de Passivo a descoberto em sete dos oito times analisados. Com os capitais de terceiros superando o Ativo Total, o Patrimônio Líquido fica negativo, o que acaba distorcendo o resultado do cálculo do índice. Figueirense, Inter de Lages, Joinville e Metropolitano apresentaram Passivo a descoberto em todos os anos analisados.

O Criciúma se destaca como único clube da pesquisa com Patrimônio Líquido positivo em todos os anos da análise. A Chapecoense passou a ter valor positivo de PL em 2015, apresentando uma alta rentabilidade do capital próprio naquele ano, assim como em 2016. Já o Avaí apresentou um Patrimônio Líquido positivo até 2014, tendo neste ano uma rentabilidade do PL de 11,57%.

4.2 Índices de Liquidez

A análise financeira dos clubes participantes da pesquisa se inicia com o cálculo de seus índices de liquidez, verificando assim a capacidade de pagamento das dívidas no curto e longo prazo. Na sequência, a tabela 03 apresenta os índices de liquidez corrente dos clubes.

Tabela 03 – Índices da Liquidez Corrente

Clube	2012	2013	2014	2015	2016
Avaí	0,28	0,38	0,33	0,26	0,22
Brusque		0,89	0,19	0,81	0,39
Chapecoense		0,51	0,89	0,72	1,34
Criciúma	1,07	1,20	0,64	1,67	0,63
Figueirense	0,16	0,21	0,16	0,24	0,29
Inter de Lages			0,00	0,29	
Joinville	0,16	0,24	0,30	0,20	0,16
Metropolitano	0,15	0,11	0,67	0,74	0,50

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

Os índices de liquidez corrente apurados apontam risco alto de inadimplência na maioria dos clubes. O Avaí vem apresentando redução no seu quociente desde 2013, tendo seu pior indicador em 2016, quando para cada R\$ 100,00 em dívidas de curto prazo, possuía R\$ 22,00 em ativos circulantes para liquidação destes passivos no exercício seguinte. Já o Figueirense, que terminou os anos de 2012 e 2014 com uma capacidade de pagamento de apenas 16% das suas dívidas de curto prazo, vêm aumentando seu índice desde 2014, mas ainda segue apresentando uma baixa capacidade de pagamento.

Os clubes de Florianópolis, porém, em nenhum dos anos analisados tiveram o risco mais alto em relação ao total dos clubes. Nos anos de 2012 e 2013, o Metropolitano apresentou o maior risco de inadimplência, conseguindo aumentar seu índice nos anos subsequentes.



Florianópolis, 10 a 12 de Setembro de 2017

Em 2014, o Inter de Lages apresentou o menor índice de todos os clubes em todos os anos (0,0001), pois tinha apenas R\$ 361 em ativos circulantes diante de um Passivo Circulante de R\$ 3.477.714. No ano seguinte, com o acesso a primeira divisão do Campeonato Catarinense, o clube obteve um aumento nas suas receitas e também recebeu R\$ 779.076 em empréstimos de pessoas ligadas para conseguir honrar parte de seus compromissos, aumentando seu índice para 0,29, número que continua representando um risco alto.

Nos anos de 2015 e 2016, o Joinville foi quem fechou seu balanço com o menor índice de liquidez corrente entre os clubes catarinenses, tendo, no último ano, para cada R\$ 100,00 de dívidas de curto prazo, apenas R\$ 16,00 em ativos circulantes para cumprir com as obrigações.

Na média dos cinco anos analisados, quem apresentou um risco mais baixo foi o Criciúma. A Chapecoense foi o clube que apresentou o melhor índice no ano mais recente da análise (2016), tendo para cada R\$ 100,00 de dívidas de curto prazo, R\$ 134,00 disponíveis no Ativo Circulante.

Após a verificação da capacidade de pagamento dos clubes no curto prazo, a tabela 04 apresenta o índice de liquidez geral, que considera também o longo prazo, comparando tudo que os clubes converterão em dinheiro em relação a todas as obrigações assumidas.

Tabela 04 – Índices da Liquidez Geral

Clube	2012	2013	2014	2015	2016
Avaí	0,12	0,11	0,08	0,07	0,08
Brusque		0,89	0,19	0,81	0,39
Chapecoense		0,21	0,73	0,59	1,02
Criciúma	0,52	0,63	0,36	0,16	0,11
Figueirense	0,10	0,15	0,08	0,13	0,15
Inter de Lages			0,00	0,20	
Joinville	0,08	0,15	0,23	0,13	0,09
Metropolitano	0,16	0,09	0,05	0,08	0,04

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

Assim como índice trabalhado anteriormente, a Chapecoense novamente apresentou o melhor índice de 2016: 1,02, o que significa que o clube tem ativos circulantes e realizáveis a longo prazo superiores as suas dívidas totais. Este foi o único caso em que houve o registro de índice acima de 1,0.

Nos anos anteriores, Criciúma (0,52 em 2012 e 0,63 em 2013) e Brusque (0,89 em 2013 e 0,81 em 2015), além da própria Chapecoense (0,73 em 2014 e 0,59 em 2015), conseguiram obter índices acima da média dos clubes da pesquisa.

Com índices que representam um alto risco de inadimplência a longo prazo, novamente tem-se a presença de Avaí e Figueirense. O Joinville também voltou a apresentar índices baixos, ficando acima de 0,15 apenas em 2014.

O Metropolitano, que nos três últimos anos analisados obteve índices acima da média de liquidez corrente entre os clubes da pesquisa, no indicador de liquidez geral apresentou um alto risco durante este período, tendo inclusive o pior índice de 2016 (0,04). Isto é explicado



Florianópolis, 10 a 12 de Setembro de 2017

pela classificação da maior parte das dívidas do clube no Passivo Não Circulante (93% em 2014, 89% em 2015 e 92% em 2016). Esta dívida presente no Passivo Não Circulante é composta substancialmente de empréstimos e financiamentos a longo prazo.

4.3 Índices de Endividamento

Continuando a análise financeira das equipes, calcula-se os índices de endividamento, analisando o montante das dívidas dos clubes comparado aos seus ativos e recursos próprios, além de verificar o quanto da dívida está no Passivo Circulante. A tabela 05 apresenta os índices do Grau de Endividamento Global dos clubes.

Tabela 05 – Índices do Grau de Endividamento Global

Clube	2012	2013	2014	2015	2016
Avaí	65,25%	81,35%	96,29%	117,56%	129,67%
Brusque		96,56%	76,40%	90,33%	150,32%
Chapecoense		296,68%	110,69%	64,79%	85,64%
Criciúma	37,08%	30,74%	37,73%	48,42%	48,10%
Figueirense	119,43%	167,18%	192,35%	178,65%	169,27%
Inter de Lages			91378,79%	496,49%	
Joinville	261,30%	232,34%	187,01%	213,69%	166,27%
Metropolitano	382,35%	381,10%	345,29%	411,13%	473,44%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

Ao analisar o montante das obrigações dos clubes em relação ao total de seus ativos, o Criciúma aparece com a situação mais tranquila entre os clubes catarinenses. Em todos os anos analisados, a equipe do Sul do Estado teve o índice mais baixo, que neste caso, ao contrário dos índices de liquidez, indica um baixo risco financeiro. Em nenhum dos anos da análise o Criciúma teve um endividamento que superasse a metade dos seus ativos.

Nos demais clubes, em todos eles, ao menos em um dos anos analisados, houve a ocorrência de Patrimônio Líquido negativo, com o total das dívidas tendo valores superiores ao total do ativo. Neste sentido, destacam-se negativamente Figueirense, Inter de Lages, Joinville e Metropolitano, que em todos os anos tiveram índices superiores a 100%.

O Metropolitano, nos cinco anos analisados, sempre apresentou uma dívida no mínimo três vezes superior ao seu ativo, tendo em 2012, 2013 e 2016 o pior índice entre os clubes pesquisados. Já nos outros anos, o índice mais alto foi do Inter de Lages, que em 2014 apresentou um indicador assustador, tendo apenas R\$ 4.861,00 de ativos diante de uma dívida total de R\$ 4.441.914,00.

Ao final de 2016, apenas Criciúma e Chapecoense apresentam em suas demonstrações um Ativo Total superior às obrigações. Avaí e Brusque, que nos primeiros anos da análise também tinham um indicador positivo, viram seu grau de endividamento global subir, enquanto a Chapecoense apresentou uma situação inversa, diminuindo sua dívida em relação ao seu Ativo.

Ao analisar os índices da Participação do Capital de Terceiros em relação aos Capitais Próprios dos clubes catarinenses, a situação descrita anteriormente, sobre Patrimônio Líquido negativo, fica ainda mais exposta. Na sequência, a tabela 06 destaca o percentual do Passivo Exigível em relação ao Patrimônio Líquido dos clubes.



Tabela 06 – Índices da Participação do Capital de Terceiros

Clube	2012	2013	2014	2015	2016
Avaí	187,81%	436,10%	2597,06%	PL Negativo	PL Negativo
Brusque		2810,65%	323,64%	934,13%	PL Negativo
Chapecoense		PL Negativo	PL Negativo	183,98%	596,17%
Criciúma	58,93%	44,38%	60,60%	93,89%	92,69%
Figueirense	PL Negativo				
Inter de Lages			PL Negativo	PL Negativo	
Joinville	PL Negativo				
Metropolitano	PL Negativo				

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

Com o Passivo a descoberto em todos os anos, Figueirense, Inter de Lages, Joinville e Metropolitano apresentaram índices negativos, o que inviabiliza a análise, já que as variáveis de cálculo possuem sinais diferentes. Nestes clubes, todo o Ativo é financiado por capitais de terceiros.

Entre os clubes que apresentaram índices positivos, outra vez destaca-se o Criciúma. O clube apresentou, em todos os anos analisados, capitais de terceiros menores que o montante de seus capitais próprios.

A Chapecoense, por sua vez, apresentou em 2015 um índice de, enquanto em 2016 este número cresceu para R\$ 596,00 de capitais de terceiros para cada R\$ 100,00 de Patrimônio Líquido. Este crescimento explica-se pelo aumento do valor de receitas antecipadas registradas no Passivo. Tais receitas, que decorrem substancialmente de contratos de transmissão dos jogos, foram contabilizadas no Balanço Patrimonial para não ferir o princípio da competência, já que a vigência destes contratos se dará em exercícios futuros.

Para finalizar a análise financeira dos clubes, tem-se o cálculo do quanto do Passivo Exigível está presente no Passivo Circulante dos clubes, conforme a tabela 07 apresenta na sequência.

Tabela 07 – Índices da Composição do Endividamento

Clube	2012	2013	2014	2015	2016
Avaí	41,64%	29,72%	23,86%	28,94%	36,06%
Brusque		100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
Chapecoense		41,93%	81,94%	81,95%	76,06%
Criciúma	47,45%	51,98%	54,76%	9,03%	16,18%
Figueirense	58,28%	66,23%	54,39%	52,23%	48,98%
Inter de Lages			78,29%	68,28%	
Joinville	50,13%	63,70%	74,63%	67,37%	58,61%
Metropolitano	96,46%	80,44%	7,09%	11,25%	8,31%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

A Composição do Endividamento dos clubes de Santa Catarina apresenta bastante diferenças entre os clubes quanto ao percentual das dívidas de curto prazo em relação ao passivo exigível total, com clubes tendo um alto índice e outros com indicadores mais baixos.



Florianópolis, 10 a 12 de Setembro de 2017

No caso do Metropolitano, as duas situações ocorreram ao longo dos anos analisados. Se em 2012 e 2013, 96,46% e 80,44%, respectivamente, da dívida do clube estava presente no Passivo Circulante, em 2014 este número caiu para apenas 7,09%, se mantendo um índice baixo nos anos seguintes. Tal mudança ocorreu essencialmente pelo valor da conta Empréstimos e Financiamentos, que antes estava com um valor muito alto no Passivo Circulante e posteriormente a maior parte do valor constava no Passivo Não Circulante. Em virtude da ausência de notas explicativas nas demonstrações contábeis da equipe naquele ano, não foi possível verificar com maiores detalhes o motivo dessa mudança.

Já o Brusque apresentou em todos os anos um índice de 100%, ou seja, o clube nunca registrou dívidas de longo prazo. Em suas demonstrações, verifica-se que as obrigações do Brusque são basicamente de Obrigações Trabalhistas e Obrigações Sociais e Previdenciárias, todas com previsão de liquidação no ano seguinte.

O Criciúma apresentou nos primeiros anos analisados um equilíbrio entre a classificação de seus passíveis exigíveis, mas em 2015 notou-se que o percentual do Passivo Circulante caiu consideravelmente na comparação. Esta mudança, pelo que se observa nos Balanços Patrimoniais do clube, ocorreu em virtude da reclassificação da conta Receitas de Subvenções a Realizar, que até 2014 constava nas obrigações de curto prazo.

A Chapecoense apresenta a maior parte das suas dívidas no Passivo Circulante, porém, como visto anteriormente, apresenta um bom índice de liquidez e assim possui capacidade para liquidação das obrigações no curto prazo.

4.4 Análise conjunta dos índices

Ao avaliar o estado econômico-financeiro de uma entidade, busca-se após a apuração e análise de cada índice verificar a relação destes diferentes indicadores. Neste sentido, buscou-se analisar por clube a relação entre si dos nove índices abordados neste estudo. A seguir, a tabela 08 apresenta todos os índices do Avaí.

Tabela 08 – Índices do Avaí

Índice	2012	2013	2014	2015	2016
Rentabilidade do Ativo	-11,97%	-16,33%	0,43%	-21,14%	-12,67%
Rentabilidade do PL	-34,46%	-87,56%	11,57%	PL Negativo	PL Negativo
Liquidez Corrente	0,28	0,38	0,33	0,26	0,22
Liquidez Geral	0,12	0,11	0,08	0,07	0,08
Grau Endividamento Global	65,25%	81,35%	96,29%	117,56%	129,67%
Participação Capital Terceiros	187,81%	436,10%	2597,06%	PL Negativo	PL Negativo
Composição Endividamento	41,64%	29,72%	23,86%	28,94%	36,06%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

Observa-se nos indicadores do Avaí um forte crescimento, ano após o ano, da dependência do capital de terceiros em relação ao seu Ativo, com o Patrimônio Líquido ficando com saldo negativo a partir de 2015. Apesar da maior parte da dívida constar no Passivo Não Circulante, verifica-se uma dificuldade do clube em relação a capacidade de liquidação das obrigações de curto prazo, pois seu índice de liquidez corrente reduz a cada ano desde 2013. Em relação ao seu cenário econômico, o clube apresentou déficit em quatro dos cinco exercícios analisados, o que demonstra que a entidade, além de não conseguir



reduzir seu endividamento, também possui custos e despesas normalmente superiores ao seu faturamento.

Na sequência, a tabela 09 apresenta todos os índices do Brusque, não contemplando o ano de 2012 por falta de divulgação das demonstrações contábeis deste ano.

Tabela 09 – Índices do Brusque

Índice	2012	2013	2014	2015	2016
Rentabilidade do Ativo		2,03%	0,44%	1,28%	-67,03%
Rentabilidade do PL		59,16%	1,88%	13,24%	PL Negativo
Liquidez Corrente		0,89	0,19	0,81	0,39
Liquidez Geral		0,89	0,19	0,81	0,39
Grau Endividamento Global		96,56%	76,40%	90,33%	150,32%
Participação Capital Terceiros		2810,65%	323,64%	934,13%	PL Negativo
Composição Endividamento		100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

Nos índices do Brusque, destaca-se negativamente o ano de 2016. Após apresentar resultados econômicos equilibrados, o clube terminou este ano com déficit. Financeiramente, o clube viu seu grau de endividamento global subir, ficando com um Passivo a descoberto. Em termos de liquidez, o clube sempre apresentou uma capacidade de pagamento acima da média em relação aos demais clubes do estudo, mesmo tendo sua dívida concentrada exclusivamente no curto prazo.

A tabela 10 apresenta todos os índices da Chapecoense. Como o clube não divulgou suas demonstrações contábeis em 2012 e 2013, índices destes anos acabaram não sendo calculados.

Tabela 10 – Índices da Chapecoense

Índice	2012	2013	2014	2015	2016
Rentabilidade do Ativo			20,01%	33,91%	9,56%
Rentabilidade do PL			PL Negativo	96,29%	66,57%
Liquidez Corrente		0,51	0,89	0,72	1,34
Liquidez Geral		0,21	0,73	0,59	1,02
Grau Endividamento Global		296,68%	110,69%	64,79%	85,64%
Participação Capital Terceiros		PL Negativo	PL Negativo	183,98%	596,17%
Composição Endividamento		41,93%	81,94%	81,95%	76,06%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

A Chapecoense, que esportivamente foi a equipe catarinense com melhor desempenho nos cinco anos da análise, também vai evoluindo em relação a sua situação financeira. O clube saiu de uma situação de Passivo a descoberto para em 2016 apresentar o segundo menor grau de endividamento global entre os clubes pesquisados, com boa parte desta dívida sendo composta por receitas que foram antecipadas de exercícios futuros e por isso registradas no Passivo. Além disso, também em 2016, o clube apresentou índices de liquidez que indicam uma boa capacidade de pagamento das dívidas, sejam elas de curto ou longo prazo. Com superávits consecutivos desde 2014, o clube também vem apresentando uma boa gestão das suas receitas, o que auxilia o clube a ter uma dívida controlável.



A seguir, a tabela 11 apresenta os índices do Criciúma.

Tabela 11 – Índices do Criciúma

Índice	2012	2013	2014	2015	2016
Rentabilidade do Ativo	-3,60%	10,18%	0,01%	-16,59%	0,06%
Rentabilidade do PL	-5,72%	14,70%	0,01%	-32,17%	0,11%
Liquidez Corrente	1,07	1,20	0,64	1,67	0,63
Liquidez Geral	0,52	0,63	0,36	0,16	0,11
Grau Endividamento Global	37,08%	30,74%	37,73%	48,42%	48,10%
Participação Capital Terceiros	58,93%	44,38%	60,60%	93,89%	92,69%
Composição Endividamento	47,45%	51,98%	54,76%	9,03%	16,18%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

O Criciúma, como já destacado anteriormente, foi o único clube a apresentar, em todos os anos analisados, um Patrimônio Líquido positivo. Além disso, sua dívida nunca ultrapassou a metade do seu Ativo. Isto ocorre devido ao alto valor de imobilização do Ativo do clube, principalmente pela propriedade do estádio Heriberto Hülse. Comparado ao total do seu Ativo, a dívida do clube acaba sendo baixa, ao contrário dos casos de Avaí e Figueirense, que também possuem um alto valor registrado no Imobilizado, mas que possuem dívidas muito maiores. Com uma imobilização maior do Ativo, porém, a liquidez geral do clube acaba sendo afetada, verificando-se uma redução deste indicador desde 2013. Na situação econômica, se observa que o clube normalmente apresenta equilíbrio entre suas receitas e despesas, impedindo assim um crescimento acentuado do seu Passivo Exigível.

Na sequência, a tabela 12 apresenta todos os sete índices calculados do Figueirense.

Tabela 12 – Índices do Figueirense

Índice	2012	2013	2014	2015	2016
Rentabilidade do Ativo	-22,75%	-49,70%	-22,41%	2,49%	5,92%
Rentabilidade do PL	PL Negativo				
Liquidez Corrente	0,16	0,21	0,16	0,24	0,29
Liquidez Geral	0,10	0,15	0,08	0,13	0,15
Grau Endividamento Global	119,43%	167,18%	192,35%	178,65%	169,27%
Participação Capital Terceiros	PL Negativo				
Composição Endividamento	58,28%	66,23%	54,39%	52,23%	48,98%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

Os índices do Figueirense indicam que o clube, em todos os anos analisados, apresentou um Patrimônio Líquido negativo, tendo um alto crescimento do percentual do grau de endividamento global em 2013 e 2014 e redução em 2015 e 2016. Nestes dois últimos anos, o clube conseguiu ter superávit no resultado dos exercícios. O superávit de 2016 decorreu principalmente pelo aumento nas receitas de transmissão em 57% e da venda de atletas em 36%, comparado a 2015. Em termos de capacidade de pagamento das dívidas, os índices de liquidez apresentaram aumento desta capacidade em 2015 e 2016, mas o risco de inadimplência dos passivos exigíveis permanece alto.

A tabela 13 apresenta os índices do Inter de Lages nos anos de 2014 e 2015, já que nos demais anos da pesquisa o clube não divulgou seus dados contábeis.



Tabela 13 – Índices do Inter de Lages

Índice	2012	2013	2014	2015	2016
Rentabilidade do Ativo			-10315,89%	4,35%	
Rentabilidade do PL			PL Negativo	PL Negativo	
Liquidez Corrente			0,00	0,29	
Liquidez Geral			0,00	0,20	
Grau Endividamento Global			91378,79%	496,49%	
Participação Capital Terceiros			PL Negativo	PL Negativo	
Composição Endividamento			78,29%	68,28%	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

O Inter de Lages divulgou seus demonstrativos em apenas dois anos do estudo, o que prejudica uma melhor análise da sua situação. Nos anos em que foi possível apurar índices, constatou-se uma redução no grau de endividamento global do clube em 2015, mas com um indicador ainda bastante alto. Em 2015, o clube fechou o exercício com superávit e contraiu um empréstimo de pessoas ligadas, o que auxiliou a liquidar parte das obrigações deste ano, já que a liquidez ao fim de 2014 era próxima de zero.

Na sequência, a tabela 14 apresenta os índices calculados do Joinville.

Tabela 14 – Índices do Joinville

Índice	2012	2013	2014	2015	2016
Rentabilidade do Ativo	-47,76%	-15,58%	3,30%	-3,38%	-37,40%
Rentabilidade do PL	PL Negativo				
Liquidez Corrente	0,16	0,24	0,30	0,20	0,16
Liquidez Geral	0,08	0,15	0,23	0,13	0,09
Grau Endividamento Global	261,30%	232,34%	187,01%	213,69%	166,27%
Participação Capital Terceiros	PL Negativo				
Composição Endividamento	50,13%	63,70%	74,63%	67,37%	58,61%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

O Joinville foi outro clube a apresentar um Passivo a descoberto em todos os anos da análise. O grau de endividamento do clube foi maior que 200% em três anos analisados, sofrendo uma redução maior em 2016. Esta redução, porém, não foi causada por uma redução do Passivo Exigível, que continuou crescendo, mas por um aumento de mais de 100% do valor total do Ativo, causado substancialmente pelo ajuste de avaliação patrimonial no Imobilizado do clube. Com isso, os índices de liquidez do clube seguem apresentando queda, indicando uma dificuldade do clube em ter uma boa capacidade de pagamento das suas obrigações. Em relação a sua rentabilidade, o Joinville apresentou superávit apenas em 2014. Verifica-se nas demonstrações de resultado do clube um forte impacto das despesas financeiras para o déficit nos demais anos. Com liquidez baixa, o clube acaba precisando contrair empréstimos para o pagamento das suas dívidas e com isso sofre com os juros inerentes a este tipo de operação.

Por fim, a tabela 15 apresenta todos os índices apurados do Metropolitano.

Tabela 15 – Índices do Metropolitano

Índice	2012	2013	2014	2015	2016
Rentabilidade do Ativo	39,44%	-43,36%	-46,49%	-41,40%	7,90%



Florianópolis, 10 a 12 de Setembro de 2017

Rentabilidade do PL	PL Negativo				
Liquidez Corrente	0,15	0,11	0,67	0,74	0,50
Liquidez Geral	0,16	0,09	0,05	0,08	0,04
Grau Endividamento Global	382,35%	381,10%	345,29%	411,13%	473,44%
Participação Capital Terceiros	PL Negativo				
Composição Endividamento	96,46%	80,44%	7,09%	11,25%	8,31%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das demonstrações contábeis.

Os índices do Metropolitano indicam uma total dependência do capital de terceiros para a manutenção das atividades do clube. Analisando os demonstrativos e as notas explicativas da entidade, observa-se a existência de um alto valor de Empréstimos e Financiamentos no Passivo Não Circulante. Segundo o clube, tal financiamento refere-se a contratos mútuos firmados entre a entidade com pessoas ligadas ao clube, não havendo neste contrato o acarretamento de juros. Com esta alta participação do capital de terceiros e um alto déficit acumulado, o grau de endividamento do clube superou os 400% nos dois últimos anos. Como a maior parte do Passivo Exigível está no longo prazo, o clube apresenta uma liquidez corrente acima da média dos clubes da análise, porém o seu índice de liquidez geral acaba sendo um dos menores. Em relação a sua rentabilidade, após três anos seguidos de déficit, em 2016 o clube voltou a ter um exercício superavitário, muito por conta da redução das despesas com pessoal, conforme já destacado no item 4.1 deste artigo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da análise apontou que a maioria dos clubes principais clubes catarinenses costuma encerrar seus exercícios sociais com déficits, possuem risco alto de inadimplência das suas dívidas e tem seu Passivo Exigível superando o total do seu Ativo, ficando assim com um Passivo a descoberto.

Ao analisar a rentabilidade do Ativo dos clubes, verificou-se que em 18 dos 34 índices apurados ocorreu déficit no resultado do exercício. A análise da rentabilidade do Patrimônio Líquido foi prejudicada pela ocorrência de Passivo a descoberto em sete dos oito clubes analisados.

Em relação aos índices de liquidez, tanto na liquidez corrente, quanto na liquidez geral, Criciúma e Chapecoense obtiveram os menores riscos de inadimplência, enquanto Avaí, Figueirense, Inter de Lages e Joinville apresentaram os maiores riscos. O Metropolitano apresentou risco baixo na liquidez corrente na maior parte dos anos analisados, mas na liquidez geral seu índice costumou ser um dos mais baixos da pesquisa.

Na análise da estrutura de capital dos clubes, o Criciúma se destacou positivamente ao ter suas dívidas representando sempre menos da metade do seu Ativo total. Além dele, apenas a Chapecoense apresentou um Passivo Exigível menor que o Ativo total no último ano da pesquisa (2016). Todos os demais clubes apresentaram, em 2016, um Patrimônio Líquido negativo, o que significa uma forte dependência de capital de terceiros para a manutenção destas equipes. O Metropolitano teve o grau de endividamento global mais alto na maioria dos anos analisados.

A análise conjunta dos índices buscou avaliar a situação econômico-financeira de cada clube, através da evidenciação de todos os índices num única tabela por entidade. Destacou-se mais uma vez a baixa rentabilidade e a alta necessidade de capital de terceiros para financiar



os ativos da maioria dos clubes, o que acaba afetando na liquidez destas equipes. Através de informações obtidas nos demonstrativos e nas notas explicativas dos clubes, foi possível aprofundar o entendimento em relação aos indicadores apurados.

Os resultados encontrados nesta pesquisa se diferenciam quanto à estrutura de capital verificada no estudo de Santos e Silva (2015), que analisaram as finanças dos principais clubes a nível nacional e verificaram Patrimônio Líquido negativo em apenas quatro dos nove clubes pesquisados nos seis anos analisados. Em relação aos índices de liquidez, a maioria dos clubes desta pesquisa também apresentou dificuldades em relação à rentabilidade e capacidade de pagamento das obrigações, indo de encontro aos achados de Pacheco et al. (2016), Barros e Martins (2010) e Avelar et al. (2014).

As limitações deste estudo foram a ausência da divulgação das demonstrações contábeis de Brusque (em 2012), Chapecoense (em 2012 e 2013) e Inter de Lages (em 2012, 2013 e 2016), e também a ausência de Notas Explicativas nas contas de Brusque e Inter de Lages. Além disso, a falta de parecer de auditoria externa nas contas de Brusque, Inter de Lages e Metropolitano comprometeu a confiabilidade dos dados contábeis destes clubes.

Sugere-se para estudos futuros um aprofundamento na análise das dívidas dos clubes, pesquisas sobre a situação econômico-financeira das equipes dos outros estados brasileiros, além de comparativos entre o desempenho esportivo em relação à gestão econômico-financeira.

REFERÊNCIAS

- Assaf Neto, A. (2010). *Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro* (9a ed.). São Paulo: Atlas.
- Avelar, E. A., Santos, T. D., & Ribeiro, L. M. D. P. (2014, novembro). Análise do desempenho econômico-financeiro de clubes brasileiros de futebol. *Anais do Simpósio de Engenharia de Produção*, Bauru, SP, Brasil, 21. Recuperado em 05 outubro, 2016, de http://www.files.scire.net.br/atric/cefet-mg-ppga_upl//PRODUCTION/218/lvia__xxi_simpep_art_1139.pdf.
- Barros, J. T., & Martins, V. A. (2010, setembro). Em busca do entrosamento entre equilíbrio financeiro e eficiência desportiva: estudo comparativo de clubes brasileiros de futebol. *Anais do Encontro da ANPAD*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 34. Recuperado em 05 outubro, 2016, de <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/con822.pdf>.
- Dantas, M. G. S., & Boente, D. R. (2011). A eficiência financeira e esportiva dos maiores clubes de futebol europeus utilizando a análise envoltória de dados. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 5(13), 75-90.
- Foer, F. (2005). *Como o futebol explica o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica* [Apostila]. Fortaleza: UEC.
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Iudícibus, S. D. (2010). *Análise de balanços*. São Paulo: Atlas.



Florianópolis, 10 a 12 de Setembro de 2017

Marion, J. C. (2009). *Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial* (5a ed.). São Paulo: Atlas.

Matarazzo, D. C. (2003). *Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial* (6a ed.). São Paulo: Atlas.

Pacheco, M. T. M., Pegorini, M., Zelbrasikowoki, S., & Panosso, O. (2016, setembro). Análise econômico-financeira das demonstrações contábeis dos primeiros nove clubes brasileiros de futebol do Ranking da CBF de 2015. *Anais do Congresso Nacional de Excelência em Gestão*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 12. Recuperado em 05 outubro, 2016, de http://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_261.pdf.

Platt Neto, O. A. (2016). *Análise dos índices de endividamento* [Material didático (slides) da Disciplina Análise das Demonstrações Contábeis. Curso de Graduação em Ciências Contábeis. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 11. ed.]. Florianópolis: Edição do autor.

Platt Neto, O. A. (2016). *Análise dos índices de rentabilidade* [Material didático (slides) da Disciplina Análise das Demonstrações Contábeis. Curso de Graduação em Ciências Contábeis. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 10. ed.]. Florianópolis: Edição do autor.

Sá, A. L. D. (2010). *Moderna análise de balanços ao alcance de todos* (2a ed.). Curitiba: Juruá.

Santos, G. C. D., & Silva, L. T. (2015, outubro). Liquidez e endividamento dos clubes de futebol do Campeonato Brasileiro – um fator preocupante a continuidade do futebol? *Anais do Congresso Iberoamericano de Contabilidad e Gestión*, Florianópolis, SC, Brasil, 9. Recuperado em 05 outubro, 2016, de http://dvl.ccn.ufsc.br/congresso_internacional/anais/6CCF/74_15.pdf.

Savitzky, T. (2010). *Análise de balanços* (5a ed.). Curitiba: Juruá.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.